



## EXPERIMENTAÇÃO DE TEXTURAS:

A (re) construção de uma prática a partir da presença do caos no ensino de teatro com crianças

## EXPERIMENTACIÓN DE TEXTURA:

La reconstrucción de una práctica a partir de la presencia del caos en la enseñanza de teatro con los niños

## TEXTURES EXPERIMENTATION:

The (re) construction of a practice from the presence of chaos in theater teaching with children

*Adriana Moreira Silva<sup>1</sup>*

### RESUMO

O artigo compartilha uma reflexão da prática denominada de “Experimentação de Texturas”. Realizada nas aulas de teatro em escolas de educação básica na cidade de Uberlândia/MG, a prática explora a relação entre corpo, espaço e as interferências que materiais diversos trazem para os processos criativos de crianças de 2 a 6 anos. Na atual pesquisa de doutorado, à essa prática articula-se os conceitos e estudos que envolvem a Teoria do Caos, a fim de investigar como a presença do caos potencializa e altera as experiências estéticas da criança dentro do espaço escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** ato performativo, criação, escola, materialidades, Teoria do Caos.

### RESUMEN

El artículo comparte una reflexión de la práctica llamada de “Experimentación de Texturas”. Realizadas en las clases de teatro en escuelas de educación básica en la ciudad de Uberlândia/MG, la práctica examina la relación entre cuerpo, espacio y las injerencias que los materiales distintos traen a los procesos creativos de los niños de 2 a 6 años. En actual investigación de doctorado, a la práctica se articula los conceptos y estudios que incluyen la Teoría del Caos, a fin de pesquisar cómo la presencia del caos potencia y cambia las experiencias estéticas de los niños dentro del espacio escolar.

**PALABRAS CLAVE:** acto performativo, creación, escuela, *materialidad*, Teoría del Caos.

### ABSTRACT

The article lists a practice class called Texture Experimentation. Held in theater classes in elementary schools in the city of Uberlândia / MG, the practice explores the relationship between body, space and interferences that diverse materials bring to the creative processes of children from 2 to 6 years. The present study aimed to articulate

---

<sup>1</sup> Atriz e professora. Professora colaboradora do programa PROF-ARTES UFU. Professora Assistente no Curso de Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Doutoranda em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina; Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia; [drika\\_talentos@hotmail.com](mailto:drika_talentos@hotmail.com).

the concepts and studies that involve Chaos Theory, an investigation on how the presence of chaos potentiates and alters the child's aesthetic experiences within the school space.

**KEYWORDS:** performative act creation, school, materiality, chaos theory.

\* \* \*

O aprofundamento de meu trabalho artístico iniciou-se quando passei a integrar o grupo Coletivo Teatro da Margem<sup>2</sup> (CTM), cujas investigações se dão a partir dos conceitos dos viewpoints. Uma prática de caráter improvisacional que permite que os atuantes desenvolvam maior consciência de suas relações com tempo/espço nos momentos de criação. O trabalho do CTM reverberou em minhas práticas dentro do ambiente escolar e, isso culminou na pesquisa Mestrado<sup>3</sup>, cuja proposta foi a investigação das teatralidades contemporâneas e suas relações com espaço escolar.

Posteriormente a essa pesquisa, tive contato com o livro "Fazer e pensar arte" da artista dinamarquesa Ana Marie Holm e, isso, aguçou meu olhar novamente para a arte inserida na contemporaneidade, mas tendo como enfoque, a ação das crianças. Nesse referido livro, a partir de suas experiências em um ateliê de artes, a artista traz relatos das explorações de materiais inusitados realizadas pelas crianças sobre os mais diferentes e variados aspectos. O intuito é permitir que as crianças criem à sua própria maneira suas histórias, situações e experiências estéticas.

Esse modo de pensar e fazer arte com crianças, me fez iniciar em 2014 uma outra prática nas escolas de educação básica, na qual eu denominei de "Experimentação de texturas". As aulas de teatro iriam tomar um formato diferente do que até então eu experienciava junto às crianças. Sentia a necessidade de me arriscar, de planejar menos, de pensar menos e de atravessar outras fronteiras. Afinal já eram 7 anos imersa no fazer teatral junto às crianças. O livro da Ana Marie Holm me soou como alento e um encorajamento às novas práticas por mim desejadas.

---

<sup>2</sup> O Coletivo Teatro da Margem (CTM) é um grupo que existe há 10 anos na cidade de Uberlândia/MG. Formado inicialmente por egressos do curso de Teatro e das Artes Visuais, o grupo aprofundou suas investigações artísticas no estudo das artes performáticas.

<sup>3</sup> Mestrado em Artes realizado no período de 2011 a 2013 pelo programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Voltei meu olhar para os materiais da própria escola. Era preciso me adequar ao que havia de disponível para ser utilizados nas aulas. O que havia na escola que poderia me auxiliar na construção dessa prática? Percebi os diferentes tipos de papéis que havia na escola: kraft, jornais, papel crepom, caixas de papelão e etc. Via neles uma imensurável riqueza nas formas, cores e nas texturas. Pronto! Tinha certeza que os papéis poderiam me ajudar a tornar concreto os impulsos que se passavam pela minha cabeça.

Fui para a sala de aula. Um espaço pequeno, mas sem carteiras, o que nos permitia ter mobilidade. Não havia ações bem delimitadas ou planos de aulas bem estruturados. Havia o papel Kraft, eu, as crianças, o espaço e o tempo. Poucas orientações, estava focada na ação. Estava ansiosa pela ação.

*Que papel é esse?*

*O que a gente consegue fazer com esse papel?*

*EMBRULHAR...*

*ESCONDER...*

*PISAR...*

*RASGAR...*



Imagem 1: Início da aula. As crianças iniciam a experimentação realizando as primeiras ações. Ainda com receio do que se pode ou não fazer, elas começam ...Ato performativo: EMBRULHAR

As crianças acostumadas com os “podes e não podem” levam um tempo para se entregarem a atividade. Aquilo lhes parecia libertador demais. Quais seriam os limites dessa proposta? Eu tampouco saberia dizer naquele momento. Mas era um caminho

aos avessos das aulas anteriores, ou seja, ocorria no sentido contrário a uma estrutura, até então, posta como predominante, na qual normalmente, nós, professores, sabemos onde queremos chegar e, para tal, previamente traçamos caminhos e metodologias bem definidas. Agora, havia espaço para a troca, para a dúvida e, principalmente, para construir nossas subjetividades e personalidades.

No decorrer dos minutos restantes, as ações das crianças vão se ampliando e a busca por novas e outras possibilidades (re) criam a potencialidade do uso do material. Nesses momentos, pouquíssimas intervenções são necessárias. As crianças encontram rapidamente um fluxo contínuo de experimentações. Eu, como professora, fico atenta ao que elas criam e ao modo como conduzem seus próprios processos criativos. Passo a ocupar o lugar de professor *performer*, no sentido empregado por Machado (2015), isto é, minha experiência está associada à criança, ela não ocorre sozinha, tenho a possibilidade de ampliar o meu ponto de vista de artístico, estético e pedagógico a partir da relação que estabeleço no meu convívio com elas. Deixo de ser o “modelo” central da ação e passo a ser aquele que constrói um novo ponto de vista a partir da compreensão da ação da criança. E, dessa forma, não se induz, não se sugere, não se aponta, mas estou presente, atenta e cultivando diariamente o meu olhar despretensioso. E desse modo....



Imagem 2: As crianças se descobrem. Lançam-se ao incerto. Seus modos de organização alteram-se quase que a todo tempo. Não se fixam ou se prendem: Ato performativo: ESCONDER.



Imagem 3: As crianças articulam-se, reorganizam-se, testam as possibilidades. Estão ali, presentes, inteiras e entregues. Ato performativo PISAR, ESCORREGAR e DESLIZAR.

Nas aulas seguintes o percurso de experimentação segue. A opção é retrabalhar o mesmo material ou propor um novo. Mas, como seria começar a aula com o papel já rasgado, já amassado? No que essa qualidade iria intervir nos atos e ações das crianças? Com o mesmo material já utilizado, as crianças sentem-se mais livres para agir sobre ele. Nesse momento, se vê que não há mais receio de desconstruir o material trabalhado. Rasgar, pisar, amassar e sujar não são mais ações proibidas, tornam-se parte do processo criativo da criança. Há apropriação do material, do espaço e das relações, sem que de fato a aula esteja “pré-concebida”,



Imagem 4: As crianças estão mais à vontade com o material. Ao uso do papel incorpora-se o tecido, e a combinação de ambos possibilita o surgimento de outras relações e ações simultâneas.



Imagem 4.1: Ato performativo: RASGAR, ESCONDER, PULAR, AMASSAR.

Dentro dessas aulas, a ação da criança sobre o material fica cada vez mais evidente. Percebia na própria prática que o conceito de criança *performer* trazido por Marina Marcondes (2010) se aproximava das aulas na medida em que a ideia era conferir a autonomia às crianças, de modo que elas se sentiam capazes de agir e intervir na criação. Não tratava-se apenas dos meus desejos e anseio de professora, mas do modo da criança de lidar com aquilo que está diante dela, numa perspectiva na qual ela “[...]é móvel, plástica, modelável: polimorfa; seu repertório é rico em teatralidade e musicalidade [...]” (Machado, 2015, p. 59)

As ações das crianças iam lhes permitindo explorar a relação entre corpo, espaço e as interferências que esses materiais poderiam trazer para seus processos. Tornava-se, aos poucos, o que Machado (2015) aponta como “atos performativos”. No cotidiano das aulas de teatro, a criança tem seus atos próprios, subjetivos e particulares. Toda sua ação perpassa e está em seu corpo, são dialógicas com os contextos e com os ambientes. Pronto! O teatro está ali, inserido no cotidiano das vivências compartilhadas. Essa, tem sido uma outra forma de se relacionar com a criação da criança e, nesses momentos, tenho percebido que a criança abre seu leque

de possibilidades inventivas, tornando-se cada vez mais propositiva e envolvida por suas ações.

Dali em diante, as “Experimentações de Texturas” seguiriam mais intensas, com as descobertas cada vez mais avassaladoras em mim e nas crianças. O que mais apareceria? Quais seriam os próximos atos? Do papel Kraft à caixa de papelão, passando por folhas secas, areia, papel celofane, cones e fita para sinalização.



Imagem 5: Caixas de papelão são: barcos, aviões, ninhos. Ato performativo: ESCONDER.



Imagem 6: As folas secas: suas sonoridades, sua leveza. Ato performativo: CHEIRAR, JOGAR, SENTIR.



Imagem 7: A areia colorida que invade os cantos do espaço. O papel celofane com suas cores transparentes. Ato performativo: TOCAR, JUNTAR,



Imagem 8: A fita de sinalização que permite o acesso as infinitas possibilidades. Ato performativo: ESTICAR, ENROLAR, TER UM

Seguiu-se... com as crianças conectadas com seus modos de agir e se relacionando esteticamente com o espaço e com as materialidades. Aula após aula eu tinha a certeza de começar a delinear um novo olhar sobre a criança, a arte e sobre mim mesma. Mas, o que levou as ações das crianças acontecerem modo performativo? O que tornou as ações, aparentemente, cotidianas experiências estéticas?

Te convido a pensar nessas duas questões enquanto olha para a  
imagem abaixo:

**O QUE VOCÊ VÊ QUANDO OLHA PARA ESTE DESENHO?**

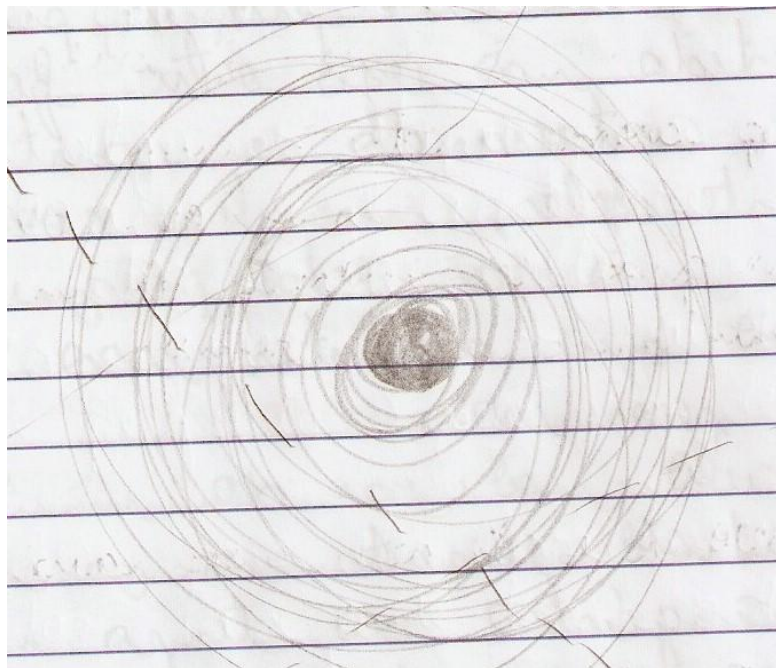


Imagem 9: Registro pessoal do Diário de Bordo desenvolvido na pesquisa de Mestrado (2011)

Essa foi o meu primeiro esboço de uma reflexão sobre o caos. Eu ainda estava mergulhada na pesquisa de Mestrado, com ideias confusas, diante de um processo com um grupo de adolescentes, que parecia que seria tragado por um buraco negro e, logo, tudo desapareceria. Me sentia atravessada, arrebatada por esse caos. Ainda de uma maneira muito desconfortável, eu tinha um sentimento de fracasso, de desordem, bagunça, dificuldades e muitas incertezas. Então, tentei colocar no papel esses sentimentos e sensações. Eis que surge o desenho acima.

Mas longe de ser apenas um sentimento, o caos era real, se impunha ao processo, me mostrava que outros caminhos precisavam ser traçados e admitidos. O caos, então, passou a ser parte da pesquisa e ganhou um capítulo na dissertação para



que eu pudesse me aprofundar e dialogar conceitualmente, artisticamente e pedagogicamente com ele. Dei meus primeiros passos quando me deparei com a pesquisa da professora e doutora em Ciências do Espetáculo, Patrícia Fagundes. Ela desenvolveu seus estudos acerca da relação entre arte e ciência na criação da cena contemporânea e, a partir disso, considerou que a Teoria do Caosé [...] “uma perspectiva que admite e examina turbulências, instabilidades e paradoxos; considerando comportamentos dinâmicos não lineares, distantes do equilíbrio e muito sensíveis as condições iniciais [...]” (Fagundes, 2010, p. 01). Sendo assim, Fagundes considerou que os estudos científicos acerca da Teoria do Caos muito se aproximavam dos processos criativos em Teatro, quando se admitia e se permitia o diálogo com o Caos.

Os estudos acerca da Teoria do Caos foram usados, segundo, os matemáticosFrancileFey e Jarbas André da Rosa para explicar o funcionamento dos sistemas dinâmicos, cujas investigações ficaram por muito tempo atreladas aos fenômenos meteorológicos, como, tempestades ou terremotos. Porém, isso foi se modificando a medida em que outras áreas de conhecimento foram entendendo que o caos não é “desordem, mas sim imprevisibilidade, que busca no aparente acaso uma ordem que é determinada por leis precisas<sup>4</sup>”.

Os sistemas dinâmicos não lineares, são sistemas caóticos, que segundo Fagundes (2010, p. 01), referem-se tanto, “[...] ao clima como ao funcionamento do corpo humano, a flutuação do mercado financeiro, a vida das abelhas ou aos movimentos do cosmos; ou seja, a tudo o que se move, em nível micro ou macroscópico, incluindo processos de criação cênica”. A professora dialoga diretamente com os princípios das ciências desses sistemas a fim de torná-los uma ferramenta de análise para os processos de criação.

Nesse sentido, os estudos de Fagundes contribuíram muito para que na investigação realizada durante o Mestrado, eu pudesse também analisar o processo criativo junto aos adolescentes. Entendi que, muitas vezes, estar em estado caótico não configura necessariamente em algo ruim, mas, me deu a certeza de que há

---

<sup>4</sup>[https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ckeditorfiles/ua2012\\_ffey\\_jarosa.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ckeditorfiles/ua2012_ffey_jarosa.pdf)

nacriação uma ordem natural de reorganização, que, por muitos momentos, não admite o controle e nem as tentativas de previsibilidade. Por vezes, o que é preciso é aceitar que o caos também nos coloca diante de outras teatralidades, discursos e procedimentos criativos. Porém, percebo com a “Experimentação de Texturas” que a presença do caos não é somente uma via de análise dos processos de criação, visto, que ele pode (re) construir, modificar e alterar significativamente uma prática ou uma experiência estética.

E, para melhor exemplificar isso, volte as imagens anteriores (de 4 a 8) e analise cuidadosamente os modos como estão dispostos os materiais no espaço; perceba que ao alterar os materiais, novas e infinitas possibilidades surgem enquanto “atos performativos” imprevisíveis; observe as interações entre as crianças e modo como elas se reorganizam para lidar com o material proposto. Você vê semelhanças com a Teoria do Caos? Identifica como o caos está afetando e modificando a proposta?

A “Experimentação de Texturas” tal qual a Teoria do Caos perpassa diretamente pelo diálogo com a imprevisibilidade e pela grande sensibilidade nas mudanças das condições iniciais dos sistemas dinâmicos não-lineares. A Teoria do Caos vem contribuir com a aparente “desordem” que impedia os cientistas de compreenderem tais sistemas, visto que a imprevisibilidade não os permitia encontrar padrões de repetição, tão comuns em sistemas lineares. Ao debruçarmos sobre os três termos básicos, sistemas, dinâmicos e não-lineares, que estão intrinsecamente relacionados a Teoria do Caos, encontraremos inúmeros respaldos para se atrelar e aproximar o diálogo entre o caos e os processos criativos com crianças, bem como, repensar as práticas que são desenvolvidas nas aulas de Teatro com crianças.

No artigo “As Teorias do Caos e da Complexidade na Gestão Estratégica”<sup>5</sup>, os administradores descrevem sistematicamente tais termos que nos ajudarão a estabelecer uma relação de proximidade entre a prática “Experimentação de Textura” e a Teoria do Caos. Os autores Crispim e Barbosa (2006, p. 03) explicitam que o primeiro termo, **sistema**, refere-se a um “agrupamento de partes que interagem entre si com um propósito [...] e em permanente relação de interdependência com o ambiente”. Ou seja, ao pensarmos nas aulas de teatro relatadas anteriormente,

---

<sup>5</sup><http://inf.aedb.br/seget/artigos2006.php?pag=10>

identificamos facilmente que as possibilidades criativas emergem da interação entre criança-criança; criança-espaco e criança-material. Nesse sentido, são nessas interações que os atos performativos se estabeleçam por si só, observamos as crianças se reorganizando em grupos ou suas individualidades, mas sem perder o contato e o processo de afetação pelo espaço.

No segundo termo os autores abordam o conceito de **dinâmico**, referindo-se que o emprego do mesmo ocorre, pois “estão em evolução constante, isto é, o tempo é uma variável do sistema. [...] uma das características é a sua adaptação e aprendizado, que ocorrem o tempo todo com o ambiente, a consequência é uma constante evolução” (Crispim e Barbosa, 2006, p.03). Se voltarmos às descrições anteriores da prática “Experimentações de Texturas” perceberemos que a medida em que as aulas aconteciam as crianças se apropriavam mais e mais das materialidades. Em todas as aulas, cada qual ao seu modo, novos atos performativos aconteciam e, portanto, novas conexões com o espaço, com o outros e com os materiais eram construídos diariamente, no exercício do fazer. Nesse processo, a criança estabelece e cria muitos sentidos e significados estéticos, artísticos, pessoais e subjetivos que a ajudam a compreender o mundo que a cerca.

O último termo, **não-lineares**, aparece evidenciado o caráter das turbulências e das desordens presentes no estado caótico devido...

“à presença simultânea, nas suas múltiplas interações e retroações entre suas partes e o ambiente, de *feedbacks* positivos e negativos gerando um estado de desequilíbrio. Devido a estes *feedbacks*, os sistemas respondem de forma irregular, ampliada e inesperada às mudanças no seu interior e/ou no ambiente, quebrando os vínculos entre causa e efeitos precisos” (PARKER e STACEY, 1995; DAFT e LENGEL, 2001 apud CRISPIM e BARBOSA, 2006.p.03).

Na prática “Experimentação de Texturas” não há como prever ou esperar uma organização ou a manutenção de padrões de comportamentos, de relação ou criação. Não há espaço para se ditar o que deve ou não se deve fazer. É uma prática que requer mudanças internas/externas do professor, pois, em muitos momentos a sensação desses desequilíbrios parece nos desorientar. Não se sabe o que e como fazer para lidar com as inúmeras irregularidades e as múltiplas interações das crianças. Nos perdemos... não sabemos... nos consumimos... Ampliar o olhar para as potencialidades dos atos performativos das crianças requer a percepção de que a criação não está em

nossas mãos, mas que ela se dá quando nós, adultos, são “co-criativos, não controladores” do processo (HOLM, 2005, p. 16)

Sendo assim, todos esses termos se conectam não somente com a Teoria do Caos, mas também com a prática de “Experimentação de Texturas”, que passa a ser aqui compreendida enquanto um sistema dinâmico não-linear e, como tal, pode ser investigada a partir dos conceitos e princípios que regem tal Teoria. E, por conseguinte, temos as respostas às outras duas perguntas mencionadas acima da imagem do imagem 9: “O que levou as ações das crianças acontecerem de modo performativo? O que tornou as ações cotidianas experiências estéticas?”

Nesse caso, primeiramente, não tenho dúvidas que a presença de um estado caótico altera significativamente o processo. O caos enfatiza a instabilidade; a relação com o que está ao redor aproxima as crianças de suas próprias realidades e permitem construções irregulares, espontâneas, fragmentadas e que sempre se auto organizam “brotando das situações coletivas e compartilhadas” (Machado, 2015, p. 57) no aqui e agora.

Segundamente, o próprio modo como a prática “Experimentação de Textura” ocorre e se estabelece nas aulas de Teatro, também torna as ações cotidianas das crianças em atos performativos. Tal qual as ideias e proposições da artista dinamarquesa Ana Marie Holm, a prática se estabelece visando garantir a liberdade, o entusiasmo e a criatividade das crianças. Holmentende e pensa sobre isso durante as oficinas que ministra em seu ateliê na Dinamarca, por isso, aponta para um caminho que se opõe à arrumação, visto que com a organização“(...) você nunca chega ao artístico, porque isso só acontece se você está em um terreno deliciosamente instável” (HOLM, 2005, p. 13/14).

A dinamarquesa deixa em seu trabalho evidente que criar com espontaneidade, curiosidade e desejo de experimentar implica em estar no campo do imprevisível, além, de ser necessário considerar a incerteza parte do processo. E, normalmente, a vida diária das crianças as colocam em lugares arrumados demais, ao invés, de proporcionar-lhes ambientes com forte apelo sensorial e emocional.

E, no caso, da prática “Experimentação de Texturas” que tem como enfoque o contexto escolar, isso não é diferente. As escolas querem, na maioria das vezes,

garantir o controle e a ordem, relacionando o processo de aprendizagem com práticas que enfatizam a “organização”. A desconstrução desses paradigmas levam tempo e exige persistência num trabalho de diálogo com toda a comunidade escolar, seja com pais, diretores, outros professores e etc. O caos contrariando as expectativas padrões ou idealizadas pelas escolas, é um convite a um mergulho no teatro não-representacional, que ao focar-se no ato performativo mexe no cerne da ideia de escolarização, pois traz consigo o embate com a disciplinarização, porque o adulto que, até então, é o centro, passa a compreender o quão rica são as significações das experiências das crianças. Nesse sentido, foi fundamental realizar essas práticas em escolas nas quais eu já conhecia seus contextos e me sentia segura para propor algo que iria de certo modo romper com a visão que se tem acerca do ensinar e fazer teatro.

Até esse momento, essas foram as primeiras experiências e percepções caóticas a partir da referida prática, porém, com a minha pesquisa de doutorado<sup>6</sup> em andamento, compreende-se que aprofundamento faz-se necessário. Por isso, a proposta que se estabelece a partir de agora é encontrar cada vez mais possibilidades a partir da prática de “Experimentação de Texturas”, ampliando-a e aproximando-a de artistas, professores e pesquisadores que trazem essa relação com as materialidades e a potencialização dos atos das crianças em seus processos artísticos e pedagógicos, sem perder de vista, as possibilidades de tornar os conceitos e princípios da Teoria do Caos a base para os procedimentos de criação com crianças. Como repensar as abordagens de ensino de teatro com crianças a partir de uma perspectiva caótica? Quais diálogos são possíveis entre esse tipo de prática e o ambiente escolar?

A Teoria do Caos vem ao longo dos tempos reafirmando a existência de sistemas caóticos ou sistemas dinâmicos não lineares em nossos cotidianos. Por isso, a proposta é lançar esse olhar também para as aulas de Teatro, ou seja, no modo como se organiza, se prepara, se estrutura e se pensa o que é uma aula de teatro com criança. Se, como afirma a professora Marina “não é apenas o adulto que sabe e ensina”, (Machado, 2010, p.57) então:

---

<sup>6</sup>Pesquisa de doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

EM QUAIS PRÁTICAS (?)  
 EM QUE TIPOS PROCESSOS (?)  
 EM QUAIS CONCEITOS (?)  
 OS PROFESSORES DE TEATRO  
 PODEM SE APOIAR  
 PARA COMPREENDEREM E EXPERIENCIAREM

**OUTRA PERSPECTIVA**

**NO ENSINO DO TEATRO COM CRIANÇAS?**

Parece-me ser a Teoria do Caos o cerne dessa busca por outra perspectiva. É preciso deixar claro que não se trata de deixar a aula ao imprevisível mas, sim de ganhar consciência de que o caos produzirá diferenciações no uso das materialidades, criará em muitos momentos novos parâmetros para os atos das crianças e nos colocará fora da zona de conforto. E precisamos estar abertos a isso para que de fato algo diferente ocorra, pois, ao contrário estamos sujeitos ao que nos fala o texto abaixo:

Se lutamos contra o caos, se não viramos seus cúmplices, assim que algo desanda imediatamente retomamos os mesmos velhos hábitos que algum dia deram certo. Sem ficar algum tempo fora dos trilhos, quase nunca descobrimos outros percursos. Andamos na direção do nosso rastro, não dos horizontes à frente. Nossas mudanças são sempre lentas e gradativas, por esforço, disciplina, repressão. Recontamos certezas diariamente, orgulhando-nos de criar uma narrativa bem coerente. E depois sentimos falta de imprevisibilidade e de transformações não-causais, descontínuas, por saltos, sem avisos, num estalar de dedos<sup>7</sup>.

Por isso, na atual de pesquisa de doutorado encaminha-se para a compreensão de que não se trata de se apropriar dos princípios da ciência e torna-los ferramentas analíticas, tal qual Fagundes (2010) optou por fazer em seus estudos, mas sim, de construir todo o processo criativo a partir da Teoria doCaos, criando espaço para que os atos performativos das crianças emergjam das turbulências, das desordens, das

---

<sup>7</sup> Trecho retirado do texto: O poder do caos de Gustavo Gitti. Disponível em: <http://vidasimples.uol.com.br/noticias/pensar/o-poder-do-caos.phtml#.WjPBAt-nHIV>. Acessado em: 15/12/2017.

irregularidades, das estruturas fragmentadas, das incertezas e dos desequilíbrios atrelados e provocados pelo caos.

O trabalho de Ana Marie Holmainda é o enfoque, justamente, por ficar evidente que ela lida com uma prática que também se constitui enquanto um sistema que é dinâmico e não-linear, ou seja, que está diretamente ligado aos estudos das imprevisibilidades propostas pela Teoria do Caos. Mas já encaminha-se para entender de maneira mais conceitual a prática realizada pela dinamarquesa, por isso, para dar prosseguimento à essa pesquisa, consideraremos os cinco fatores que, segundo Holm (2005) ajudariam o professor ou o adulto a vislumbrar uma prática e um pensamento artístico contemporâneo no ambiente escolar:

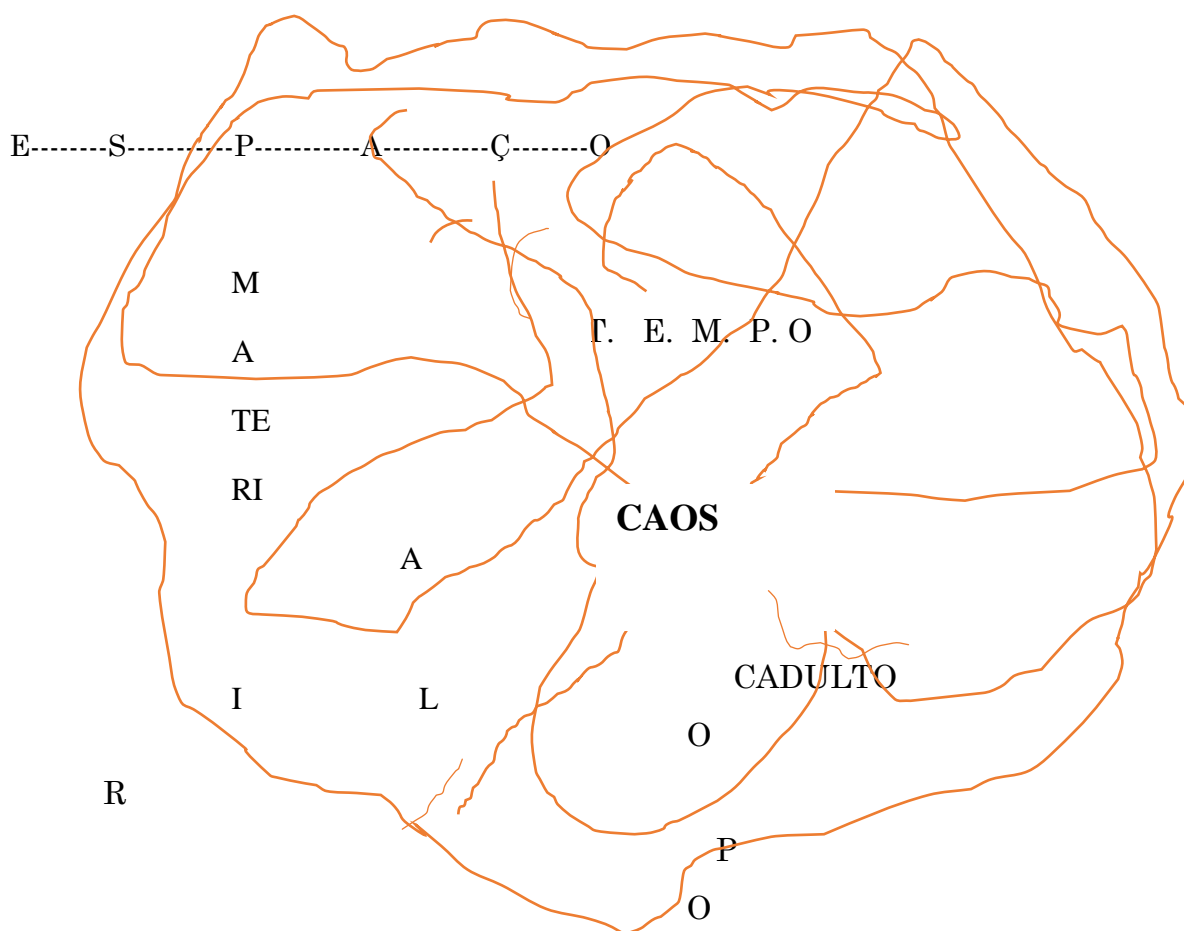


Imagem 10: A possibilidade da construção de um novo olhar para o caos a partir dos fatores apresentados pela artista Ana Marie Holm.

Esses fatores não são considerados isoladamente, eles se permeiam, se dialogam, estabelecem contato e, inevitavelmente, convergem para o Caos. Ao voltar na imagem 9 percebo que esse caos, representado na imagem 10, ganha novos contornos, tem um desenho menos assustador e mais poético, é fragmentado, mas ainda sim uníssono, tem vazios e muitos pontos de inter-ação e conexão. Se entremeia, se permeia, cruza e circunda conceitos. Gera-me menos angústias, cria pontes de diálogos e se instaura. Tem nesse caos uma “energia criativa” (HOLM, 2005, p.09) que toma e torna todo o processo intenso, incomum, processual e libertador tanto para as crianças, bem como, para os professores. Mas...

Se você ainda tem dúvidas, pare e olhe a imagem 10 por alguns segundos.....

Eu espero você (re)organizar o seu próprio caos

.....

Segundo Holm (2005, p.09) esses fatores podem ser subdivididos em outros sete aspectos: “disponibilidade para o corpo se movimentar livremente; a decisão pessoal da crianças de onde ficar na sala; a escolha de materiais pela criança; a oportunidade de experimentar; o controle do tempo; a conversa e o bate-papo e a liberdade da criança para ser ela mesma”. Em certa medida esses fatores já estão presentes nas proposições da prática de “Experimentação de Texturas”, mas, agora, ganhará contornos mais efetivos e se concentrará na busca por torná-los mais consistentes enquanto proposições práticas no decorrer dessa investigação.

É a partir dos cinco fatores de Holm, dos aspectos que se ramificam deles e dos estudos científicos acerca da Teoria do Caos, que se darão os desdobramentos dessas investigações. O que se traz aqui é o início de uma reflexão acerca de uma prática, que emerge do contexto escolar e das relações que foram aos poucos se construindo no decorrer das aulas de Teatro com crianças. Nesse momento, em que a pesquisa teórica começa a se tornar mais fundamentada, é preciso rever a prática, reconsiderar as



possibilidades, se aprofundar nessa perspectiva frente ao caos e produzir novas significações acerca do impacto que ele causa nas experiências criativas das crianças.

É preciso que o caos deixe de ser visto como um obstáculo a convivência, aos processos criativos e a aprendizagem, ou mesmo como antagonismo de ordem e de organização. É por meio de um desbravar de conceitos e da aproximação do caos e da arte que as experiências estéticas dentro das escolas deixarão de ser ambiciosas tentativas de mudar a criança e poderão se tornar um campo “deliciosamente instável”.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Wanderley, CRISPIM, Sérgio F. **As teoria do caos e da complexidade estratégica.** In: Anais do XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Resende/RJ. 2006. Disponível em: <http://inf.aedb.br/seget/artigos2006.php?pag=10>. Acessado em 28/08/2018.

FAGUNDES, Patrícia. **Caos e criação processos de ensaio.** In: Anais VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. São Paulo. 2010.

FEY, Francielly, ROSA, Jarbas André da. **As teorias do caos: a ordem na não-linearidade.** Universo Acadêmico, Taquara, v.05, n.01, p. 217-232, jan-dez.2012.

HOLM, Ana Marie. **Fazer e pensar arte.** Tradução de Ana Angélica Albano, Du Moreira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Baby Arte: os primeiros passos com a arte.** Tradução de Karina Dandanell, Miriam Modesto. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

MACHADO, Marina Marcondes. **SÓ RODAPÉS: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria.** Revista Rascunhos, Uberlândia, v.02 n. 01, p. 53-67, jan-jun.2015.

\_\_\_\_\_. **A criança é performer.** Educação e Realidade, Rio Grande do Sul, v.35, n.02, p. 115-138, maio-ago.2010.

Recebido em agosto de 2018.

Aprovado em outubro de 2018.

Publicado em dezembro de 2018.